

**O MANUSCRITO DE SANTIAGO LUIZ VILLARRUBIA, S.J.
SOBRE AS MISSÕES POPULARES NA PROVÍNCIA
DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE, 1842-1846.**

Ferdinand Azevedo

Durante os primeiros anos do Segundo Reinado brasileiro, a Província de São Pedro do Rio Grande vivia o intenso drama da Revolução Farroupilha (1835-1845). Antes deste conflito, a assistência espiritual ao povo já era deficiente nem tanto na razão entre o número do clero e a população, trinta e três sacerdotes para 150.500 habitantes, mas por causa do tamanho da Província, três vezes maior que Portugal continental.(1) Com uma área tão vasta, a Revolução dificultou ainda mais os trabalhos do clero.(2) Sensível à esta situação, o então Presidente da Província, Saturnino de Souza e Oliveira, pediu a Dom Manuel do Monte Rodrigues, Bispo do Rio de Janeiro e canonicamente responsável pela Província, para ajudar os fiéis, principalmente nas áreas rurais. Dom Manuel, ciente das dificuldades, iria enviar, em 1842, seis padres para a Província e mais um em janeiro de 1843.(3)

Já utilizei a “Relación” em dois outros trabalhos(4), mas neste, quero mostrar como o manuscrito revela os contrastes e as similaridades entre a cultura religiosa dos Jesuítas espanhóis e a cultura religiosa dos habitantes da Província de São Pedro, com uma maioria brasileira e uma minoria alemã. O manuscrito mostra um corte fascinante duma religiosidade pouca conhecida nos anos finais da Revolução Farroupilha. Santiago Luiz Villarrubia (1802-1866) considerou-se um “historiador doméstico” ou um mero “cronologista”.

O PLANO DAS MISSÕES POPULARES

Antes de descrever as missões, Villarrubia apresenta o esquema genérico da missão popular e como ela funcionava, salientando os seus momentos principais. Este esquema, bastante testado e bem aceito na Argentina, foi utilizado no Brasil com uma diferença significativa visto que, aqui, a cerimônia da “plantação da cruz”, se tornou essencial. Em seguida, descreve todas as missões populares dadas nos anos 1842-1846, sempre abrindo espaço para registrar ocorrências importantes.

Os Jesuítas pregavam as missões apenas nos lugares para onde foram convidados, e sempre com as devidas autorizações eclesiásticas. Neles a ordem pública era garantida pelas autoridades locais e o partido que convidava os missionários cobria todos os gastos, que em geral, não eram grandes.

Quando não estavam dando missões, moravam na residência providenciada pelo Vigário Pe. Tomé, em Porto Alegre, e trabalhavam na cidade. Esta residência servia, também, como centro de operações.⁽⁵⁾ Uma vez marcada a data da missão, os padres esperavam por sua condução que podia ser de barco, carruagem ou cavalo. Já no percurso de seus trabalhos, os convites para outras missões eram aceitas conforme a ordem de sua chegada e à disponibilidade dos Padres. Uma vez aceita, os Jesuítas não voltavam para Porto Alegre mas continuavam para a próxima missão. Em certos rincões ou fazendas, onde não havia igrejas ou capelas, os missionários utilizavam um altar portátil que sempre fazia parte de sua bagagem e improvisavam púlpitos.

Ao chegar ao povoado da missão eram recebidos por um cortejo de pessoas a cavalo, composto de autoridades locais e das pessoas mais ligadas à missão. Sempre havia um breve discurso de saudação, agradecendo aos padres missionários a sua vinda e presença. Depois disso os religiosos entravam na povoação ao toque de sinos, se os houvesse, e ao ruído de foguetes. Paravam-se diante da igreja ou capela, onde o pároco, vigário, cura ou faltando estes, um membro importante do lugar, recebia os missionários, conduzindo-os a seu alojamento.

A missão não começava de imediato, porque famílias que moraram distante só iriam viajar à missão, depois de ter certeza que os missionários já tinham chegado. Por causa disso, só se apresentavam no segundo ou terceiro dia após a vinda dos padres. Quase nunca havia acomodações suficientes para tanta gente. Em consequência disso muitas famílias aproveitavam as suas carroças toldadas como casas temporárias ou improvisavam outros agasalhos, enquanto durasse a missão.

Alguns moradores do povoado, sobretudo os de mais posses, forneciam grátis carne para as pessoas, que não podiam trazer consigo as provisões necessárias. Assim, todos podiam assistir à missão sem maiores preocupações materiais.

Logo à chegada dos missionários, afixava-se às portas da igreja ou capela o programa dos exercícios de toda a missão. Pela manhã do segundo dia ou do terceiro, abria-se formalmente a missão como tal. Ao toque dos sinos ou de três tiros de pistola, juntava-se o povo. Todos reunidos, iniciava-se a procissão em torno da igreja, praça e ruas mais próximas, cantando-se então as ladainhas de Nossa Senhora e as de Todos os Santos.

O Vigário, revestido de sobrepeliz e estola, levava, alçado um crucifixo e, a seu lado, os missionários com mantéu e barrete o acompanhavam. Tendo-se entrado na igreja ou até mesmo à porta desta, o missionário responsável das pregações durante a missão recebia, de joelhos, o crucifixo das mão do Vigário. Nessa ocasião o missionário fazia um sermãozinho a todos os presentes, recomendando-lhes aproveitar das graças ocasionadas pela missão. Entoava-se o hino “Veni, Criator Spiritus” e , logo depois, o sermão de abertura. No fim deste, o povo cantava alguma estrofe do cântico religioso, “Meu Jesus, aos vossos pés.”

O número de pessoas que participavam da missão variava desde 500 até podendo chegar a 4.000. A missão inteira durava de sete a oito dias e por isso ganhou o nome “Semana Santa”. Cada manhã, às nove ou dez horas, rezava-se a missa dita da missão,

que sempre era acompanhada de cantos sacros. Vinha, em seguida, a prática ou instrução doutrinal, terminando com o hino “Maria, valei-nos.” Às vezes, ou seja quando os homens tinham de voltar a seu trabalho diário, esse exercício era transferido para a tarde. Depois da mesma nunca faltava o ato de piedade em honra do Coração Doloroso de Maria Santíssima, cada mistério do qual era cantada uma “Ave-Maria” com uma estrofe apropriada.

Todas as tardes, pelas três ou quatro horas, no átrio da igreja ou na sacristia, havia instrução para meninos e meninas, em separado, como preparação para a Primeira Comunhão ou Eucaristia. A ela assistiam também alguns adultos e escravos. No princípio e fim deste exercício cantava-se o salmo “Laudate, pueri Dominum”, sendo que a cada verso os meninos e meninas respondiam, alternadamente, a estrofe: “Bendize, (minha) alma, os nomes de Jesus e Maria.”

Depois da doutrina catequética o povo se juntava na igreja e passava a rezar o terço, sendo liderado por um dos missionários. O terço, rezado ou cantado, fazia parte de muitos atos de piedade e era considerado pelos Jesuítas com uma das orações principais da missão. No início da reza e também antes de cada mistério cantava-se o “Glória Patri” com a jaculatória, “Amado Jesus, José e Maria, eu vos dou o meu coração e a alma minha.” Esta devoção, que durava meia hora, tinha seu encerramento com o cântico do “Salve, Regina”. Com um crucifixo na mão, o missionário fazia uma prática (explicação doutrinal), seguida de um canto, terminado com um sermão. Este programa constituiu a espinha dorsal da missão; contudo, havia outras atividades de muita importância, como casamentos, batismos, bênçãos, confissões, primeira comunhão e, em cima de tudo, a implantação da cruz.

Por causa de sua importância, temos que descrever a implantação da cruz. Logo à chegada dos padres missionários era comissionada a construção de uma grande cruz de madeira duradoura, da altura de 20 a 25 palmos. Somente na paróquia de Santa Ana

do Rio dos Sinos, a cruz foi feita de pedra. (6) Uma vez feita, a cruz passava a ser enfeitada com flores artificiais e naturais, fitas e até jóias: um serviço executado com prazer por um grupo de senhoras.

O sítio escolhido para o plantio da cruz era, em geral, um ponto mais elevado ou uma colina, e não distava muito da igreja. Reunido todo o povo, à tarde do último dia da missão, iniciava-se a cerimônia da plantação da cruz com uma prática explicando que esta devoção aos fieis recorda o caminho de Cristo ao Calvário com a cruz às costas. Havia a bênção solene da cruz e começou uma solene procissão na qual a cruz era levada ao lugar previamente escolhido.

Em frente, saíam os acólitos portando a cruz paroquial e lanternas acesas. Em seguida vêm os meninos e os homens em duas filas. E, atrás de todos, vinham as mulheres. No meio das duas filas avançava a grande cruz, levada horizontalmente aos ombros por doze ou mais pessoas devotas, as quais se iam alternando com outras, desejosas de imitarem o Cireneu.

Nalguns lugares acompanhava a cruz um coro de meninos, vestidos de branco, com velas nas mãos e dois deles iam espalhando flores por onde havia de passar a cruz, que um acólito não cessava de incensar. Depois vêm o Cura com sobrepeliz e capa pluvial, os missionários com mantéu e barrete, e os cantores.

Durante a procissão, o povo cantava o rosário e a cada “Glória Patri”, todo o povo se ajoelhava e não se erguia antes do “Pai Nosso” do mistério seguinte. Ao chegar ao lugar para plantar a cruz, as duas filas de homens se formavam em círculo extenso, que depois contraíam e fechavam, deixando as mulheres no centro. Colocavam, então, a cruz no lugar designado. Exposta a cruz à vista e veneração pública, todo o povo em sua volta se ajoelhavam e a reverenciavam, guardando um profundo silêncio. Depois se cantava o “Salve, cruz preciosa”, enquanto o pároco fazia a incensação costumeira, seguida da antífona, do versículo e da oração própria “de cruce”.

Em seguida um dos missionários, utilizando um púlpito rusticamente improvisado, pregava com muito força para ser ouvido pelo povo, que às vezes era bastante numeroso. O povo sempre escutava com muita devoção este último sermão. Finda esta pregação, a procissão voltava à igreja com a mesma ordem cantando o estribilho “Bendize, alma minha, os nomes de Jesus e de Maria”.(7) Assim era a implantação da cruz que foi tão popular e eficaz no Brasil.

AS COLÔNIAS ALEMÃES

No início de 1843, na missão do povoado de Torres, perto da fronteira da província de Santa Catarina, os Jesuítas encontraram o primeiro grupo de católicos alemães. Houve duas colônias alemães perto de Torres. Uma composta somente de protestantes, provavelmente luteranos, situada em Três Forquilhas, e, a outra somente de católicos em São Pedro de Alcântara. Os católicos alemães mesmo não tendo um Padre que pudessem dar assistência religiosa na sua língua, permaneceram fiéis à sua religião. Durante a missão em Torres, praticamente toda a população de São Pedro de Alcântara, cerca de trezentos, assistiram à missão. Chegavam cada dia em procissão com uma cruz para participar dos atos da missão. Seu desejo de confessar-se, inicialmente criou uma dificuldade para os Jesuítas espanhóis mas foi superada com a ajuda de um intérprete. Foi composto um interrogatório sobre os assuntos mais comuns e necessários com suas repostas afirmativas ou negativas e, desta maneira, os missionários conseguiram atender, ao menos, formalmente os desejos do povo de São Pedro de Alcântara.(8)

Dois anos mais tarde, iriam encontrar outros católicos alemães numa missão em São Leopoldo, colônia fundada em 1824 e uma das mais florescentes colônias de alemães da Província de São Pedro. Lá, entre uma população de oito mil alemães, e dois mil brasileiros, os luteranos eram a maioria.(9) E, diferente dos outros lugares, houve uma mistura entre os luteranos e católicos. Uma das autoridades de São Leopoldo foi o

Coronel Comandante da guarda nacional, Sr. João Daniel Hillebrand. O Coronel era luterano mas fez questão de assistir aos atos públicos da missão.

Com a presença dos Jesuítas, a população católica se animou e providenciou tudo. Prevendo a dificuldade com a língua alemã e diferente da experiência com os alemães de São Pedro de Alcântara, houve pessoas mais qualificadas em São Leopoldo para ajudar os Jesuítas espanhóis. Uma vez que a missão começou e, atraídos pelas atividades, muitos luteranos participaram, também, da missão, liderados pela figura, um pouco polêmica do seu pastor João José Ehlers. (10)

Devido à participação muito expressiva dos alemães católicos das Picadas, não muito distante de São Leopoldo, os Jesuítas tomaram conhecimento e ficaram muito interessados neles. Logo, receberam convites para dar missões nas Picadas de Bom Jardim, São José do Hortêncio e São Miguel dos Dois Irmãos. E, diferente da população de São Leopoldo, nas Picadas, não houve, neste momento tanta mistura de luteranos e católicos.

Mesmo sem assistência religiosa, os alemães das Picadas foram bem organizados. Exemplo disso foi um grupo de cinco pessoas em cada colônia que cuidava dos atos religiosos. Este grupo foi conhecido como “Pais da Igreja” e cuidava dos atos religiosos em suas reuniões ordinárias. Foi ele, por exemplo, que procurou os Jesuítas para darem a missão e cuidava de todos os detalhes. Conhecendo suas limitações, sugeriu aos missionários para providenciar Padres de fala alemã que pudessem dar assistência religiosa nas Picadas. Faltando essa ajuda os “Pais da Igreja” foi uma maneira admirável de conservar a fé entre os colonos.(11)

Os Jesuítas estavam muito bem impressionado com os colonos alemães e quase logo informaram ao Pe. Geral Roothaan desta situação e lhe pediram ajuda. O ideal seria que o Geral pudesse enviar alguns Jesuítas alemães para trabalhar na Província de São

Pedro. No intervalo, sabendo que quase todos os alemães nas Picadas podiam ler, os missionários providenciaram e distribuíram livros enviados de Viena.(12)

CONCLUSÃO

Nosso estudo da “Relación”, apresenta os contrastes culturais entre os Jesuítas espanhóis e os habitantes na Província de São Pedro. Apesar de sua presença transitória na Província, visto que saíram para outros países hispânicas, a mesma sinalizou a volta da Companhia de Jesus ao Brasil. As missões populares revelaram a importância da religiosidade popular e que os Jesuítas tinham uma mensagem espiritual que o povo queria e valorizava. Os missionários, também, entenderam a importância cultural dos imigrantes alemães, fornecendo livros na sua língua de Viena e pedindo ao Superior Geral o envio de Jesuítas de fala alemã para os alemães de São Leopoldo e das Picadas, os quais, com o tempo, se integraram na cultura brasileira. Os Jesuítas não conseguiram que outros pudessem entender seu ideal de pobreza e sofreram desentendimentos tanto entre os seus benfeitores leigos como entre o clero. Expressaram suas apreensões diante da cultura urbana onde sentiram a herança de um anti-jesuitismo, vindo da época colonial. Tinham seus benfeitores em Porto Alegre, mas deram preferência ao povo do campo, elogiando sua fé. Sua passagem foi transitória mais outros Jesuítas chegaram para ficar.

NOTAS

- (1) JAEGER. Luís Gonzaga. Os primeiros Jesuítas da Ordem Restaurada em demanda do Rio Grande (1842). **Pesquisas**. Hist. n. 22, p. 6, 17, 1982; HASTENTEUFEL, Zeno. **Dom Feliciano na Igreja do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Editora Acadêmica Ltda., 1987. p. 68-71.
- (2) BALEM, João Maria. **Os Bispos de Porto Alegre**. s. ed. , 1969. p. 2.
- (3) AZEVEDO, Ferdinand. Jesuítas Espanhóis no Sul do Brasil (1842-1867). **Pesquisas**, São Leopoldo, Hist. v. 24, 1984, p.1-231 e VILLARRUBIA, Santiago Luiz. Apres. e trad. Ferdinand Azevedo. Missões populares pregadas no Rio Grande do Sul de 182-1845. **Pesquisas**. São Leopoldo, Hist. v. 22, 1982, p. 21-51.
- (4) VILLARRUBIA. **op. cit.**, fl 25-31.
- (5) **Ibid.**, fl. 151.
- (6) **Ibid.**, fl 40-41.
- (7) **Ibid.**, fl. 63-64.
- (8) **Ibid.**, fl. 140.
- (9) **Ibid.**, fl. 169-172.
- (10) **Ibid.**, fl. 175.
- (11) **Ibid.** fl. 176-177.
- (12) **Ibid.**, 177.181.